

Pacote: mais um ou mais uma série?

Roberto Bocaccio Piscitelli *

Talvez uma boa definição para pacote, pelo menos para quem não o embrulhou, seja a de uma coisa fechada e desconhecida. Pi- or ainda é quando ele é feito às pressas. Algumas vezes eles são explosivos.

O atual governo, até para não fugir à regra, parece ter iniciado um novo ciclo. Os métodos são os mesmos de todos os governos autoritários: meia dúzia de tec- nocratas impõem ao País o que só eles acham que sabem. As medi- das são sempre inadiáveis e inexoráveis, e - o que é mais impres- sionante - são de uma tal con- sistência que nenhum detalhe pode ser alterado (exceto o que foi colocado exatamente para ser reti- rado). Em compensação, aproveita- se o pretexto para inserir uma porção de coisas, irrelevantes al- gunas, outras que não têm nada a ver e que de outra forma talvez fosse muito mais difícil de di- gerir.

Em tais cincunstâ- cias, nenhum instrumento é mais adequado do que as medidas provisórias, ne- nhum ambiente seria mais propí- cio que o condicionado pela inér- cia e desarticulação das forças políticas e pela debilidade e alheamento das instituições da so- ciedade civil de um modo geral.

Mas não seria o caso de indagar: por que tanta coisa de uma só vez, com três anos de governo e três e meio de Plano Real? A dosagem, teria sido a adequada? E o período de tratamento, vai até quando?

Admitir hoje que o pacote não é recessivo, com redução de des-

pesas e aumento de receitas, tarifas e juros, é tão inverossímil quanto ter-se dito, há se- manas atrás, que a crise na bolsa não afetava a economia real, ou, um pouco antes, que as tur- bulências em ou- tros mercados não nos atingiam. O amor à verdade e o reconhecimento das evidências não são qualidades par- ticularmente cultivadas pelas nos- sas classes dirigentes. Esse clima não gera confiança.

Quando se fixou o câmbio num patamar artificialmente ele- vado e ao se mantê-lo sobrevalo- rizado, criaram-se as condições para o choque que acabou de ocorrer. A âncora é boa enquanto

o navio está perto das margens e quando o mar não está re- volto. Será que pretendiam soltá-la somente de-

pois de outubro de 1998?

Como em todos os planos econômicos que experimenta- mos, o marketing é utilizado para persuadir as pessoas de que já não somos pobres. A enorme demanda reprimida, associada às ir- responsáveis facilidades de crédi- to que são criadas, leva as famílias a consumirem o que é in- compatível com seus níveis de renda e até com suas necessi- dades e padrão de vida, pagando muito mais do que é devido, isto é, contribuindo para aumentar a concentração de renda. O quadro é bem conhecido: endividam-se



As medidas são sempre inadiáveis e inexoráveis, de uma tal consistência que nenhum detalhe pode ser alterado

as pessoas, as em- presas e o País, sobram a inadim- plência e a que- bradeira.

No caso bra- sileiro, o resultado foi mais dra- mático: o proce- so de abertura acelerada e desor- denada, com câmbio superva- lorizado, expan- diu o acesso ao mercado e desor- ganizou a pro-

dução interna, empurrando as próprias empresas a adquirirem insumos do exterior.

O buraco crescente nas contas exter- nhas (perto de US\$ 1 bi- lhão/mês na balança comercial, com perspectiva de US\$ 35 bi- lhões em transações correntes em 1997, além das amortizações) foi

sendo coberto com maciços e indiscriminados aportes de recursos ex- ternos, atraídos pelas ele- vadi- simas taxas de juros, pelo retorno incondicional e mes- mo pelas generosas privatiza- ções.

A contrapartida das elevadas e fluidas reservas que assim se acumularam, mediocrementem remuneradas, foi um aumento dos desequilíbrios internos, repercutido nas contas estaduais e munici- pais, através de juros internos ca- da vez mais sufocantes. Bom para os especuladores, mau para os in- vestidores.

É, agora, basicamente o salto espetacular nas taxas de juros que aumenta o rombo - estimado inicialmente em cerca de R\$ 20

bilhões - que as 51 medidas im- postas pelo governo pretendem cobrir.

Em outras palavras, o enorme volume de reservas não tornou o país menos vulnerável nem mais confiável. Oscilações conti- nuarão a ocorrer. Ataques especu- lativos poderão ocorrer. A glo- balização - processo em que mergulhamos passiva e subordinada- mente - tornou os movimentos de capital maciços e instantâneos, e todos parceiros. Países com tam- bares desequilíbrios apresen- tam obviamente maiores riscos. Além do mais, com ganhos especu- lativos tão rápidos e elevados, pode ser sempre vantajoso ser o primeiro a sair. Se, ainda, isto se tornar oportunista e necessário em vista de prejuízos ocorridos em alguma parte do mundo ou para cobertura de posições assumidas, mais explicável será então a mi- gração. E isto tudo torcendo para

O processo de abertura acelerada, com câmbio superva- lorizado, desorganizou a produção interna

que a taxa de juros nor- te-americana per- maneça no atual pa- mar.

Em su- ma, é muito alto o preço do desequilíbrio, da ilusão; é muita precária a nossa situação. Qual será o nível da taxa de juros e por quanto tempo haveremos de mantê-la para per- manecer à mercê do capital finan- ceiro internacional? Até onde é razoável continuar sacrificando a classe média e os que dependem do orçamento público para a satis- fiação de suas necessidades básicas? Parece que o mesmo filme não pára de rodar e as mesmas personagens não saem de cena.

* Presidente do Conselho Regional de Economia do DF